

O Renascimento da Medicina Psicodélica

The Renaissance of Psychedelic Medicine

Recebido: 24/09/2022 | Revisado: 05/10/2022 | Aceitado: 07/10/2022 | Publicado: 10/10/2022

Roberto Carlos Moreira Kuligowski

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6799-7907>

Faculdade Assis Gurgacz, Brasil

E-mail: robertokuli@gmail.com

Eduarda Maria Schroeder

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1278-512X>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

E-mail: eduardamschroeder@gmail.com

João Vitor Pelizzari

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0569-8682>

Faculdade Assis Gurgacz, Brasil

E-mail: joaopelizzari41@gmail.com

Matheus Fortunato

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0162-9348>

Faculdade Assis Gurgacz, Brasil

E-mail: matheusxumi@hotmail.com

Rafael Osório Cavalli

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4337-8284>

Faculdade Assis Gurgacz, Brasil

E-mail: rafaelocavalli@gmail.com

Resumo

Introdução: Estudos na área de medicina alternativa têm se multiplicado em diversos países como Estados Unidos, Noruega e Inglaterra nos últimos anos. Dentre eles, destaco a medicina psicodélica, que por meio de ensaios clínicos randomizados já demonstrou que a psilocibina - substância presente no cogumelo *Psilocybe cubensis*, popularmente conhecidos como "cogumelos mágicos" - foi capaz de induzir a remissão de sintomas depressivos e de ansiedade, além de outros efeitos benéficos que culminaram em aumento na qualidade de vida com baixa taxa de efeitos negativos, demonstrando um grande potencial terapêutico no manejo de transtornos mentais refratários aos tratamentos convencionais. **Objetivo do artigo:** Esse artigo tem como objetivo fomentar a discussão sobre a medicina psicodélica, analisando a experiência pessoal e o interesse da população sobre o assunto, que infelizmente ainda carece de estudos nacionais. **Metodologia:** Consiste em um estudo observacional em que os dados foram obtidos através da aplicação de questionário online na plataforma de formulários da Google. Foram analisadas 12 variáveis que incluíam dados epidemiológicos, se o indivíduo já teve alguma experiência psicodélica e quais foram os efeitos observados e o quão relevante considera o assunto. **Conclusão:** A amostra total foi de 203 participantes, sendo que 74 deles já consumiram a psilocibina e a maioria considerou uma experiência positiva, visto que 89,2% (N= 66) desses afirmaram que usariam novamente. O único fator que influenciou na classificação da experiência foi ter conhecimento prévio sobre as pesquisas nessa área e a maioria dos participantes (67,5%) considerou o tema super relevante.

Palavras-chave: Psilocibina; Psicodélico; Depressão; Ansiedade; Medicina alternativa.

Abstract

Introduction: Studies about alternative medicine have multiplied in several countries such as the United States, Norway and England in recent years. Among them, I highlight psychedelic medicine that through randomized clinical trials, has already shown that psilocybin - substance present in the *Psilocybe cubensis* mushroom, popularly known as "magic mushrooms" - was able to induce remission of depression and anxiety symptoms, in addition to other beneficial effects that culminated in an increase of the life quality with low rate of negative effects, demonstrating a great therapeutic potential in the management of mental disorders refractory to conventional treatments. **Objective of the article:** This article aims to promote the discussion about psychedelic medicine, analyzing the personal experience and the interest of the population about it, which unfortunately still lacks of national studies. **Methodology:** Consists of an observational study in which data were obtained through the application of an online questionnaire on the Google forms platform. 12 variables were analyzed and included epidemiological data, whether the individual had any psychedelic experiences and what were the observed effects and how relevant you consider the subject. **Conclusion:** The total sample was 203 participants, 74 of whom had already consumed psilocybin and the majority considered it a positive experience, as 89.2% (N=66) of them stated that they would use it again. The only factor that influenced the classification of the experience

was having prior knowledge about researches in this area and most participants (67.5%) considered the topic as super relevant.

Keywords: Psilocybin; Psychedelic; Depression; Anxiety; Alternative medicine.

1. Introdução

A depressão é um grave e crescente problema de saúde pública. Segundo estimativas de 2019 da Organização Mundial de Saúde (OMS), o número de pessoas vivendo com depressão no mundo já ultrapassa 300 milhões e acomete todas as faixas etárias, segundo a (OMS. 2021). Vale ressaltar que esse número provavelmente é muito subestimado, visto que apenas uma pequena parte da população possui acesso a atendimento psiquiátrico e tratamento específico - em geral menos de 50% das pessoas afetadas, mas em muitos países esse percentual chega a menos de 10%, referencial da (OPAS. 2021; C. B. NEMEROFF. 2007).

Com o aumento na incidência de depressão, tem aumentado também o número de casos refratários, isto é, aqueles que não obtém melhora com os tratamentos convencionais, e isso ocorre pelos mais diversos motivos: alto custo dos medicamentos, numerosos efeitos colaterais, casos graves, dentre outros, citado por (R. L. CARHART-HARRIS. et. al. 2021; B. N. GAYNES. et. al. 2009; C. B. NEMEROFF. 2007). Diante dessa problemática, alguns pesquisadores têm buscado terapêuticas alternativas que tenham menor custo e menos efeitos colaterais, despertando novamente o interesse na Psicoterapia Assistida por Psicodélicos (PAP), que foi amplamente estudada nas décadas de 50 e 60 em vários países, citado por (D. NUTT. 2019; J. J. H. RUCKER. et. al. 2018). O método consiste no uso de substâncias psicodélicas como por exemplo a psilocibina (psicoativo encontrado no cogumelo *Psilocybe cubensis*) como indutor da remissão de estados depressivos por até 90 dias, promovendo libertação do sofrimento, redução da ansiedade, aumento da espiritualidade e criatividade, relaxamento corporal e mental, dentre outros efeitos considerados benéficos, citados por (R. L. CARHART-HARRIS. et. al. 2018; R. R. GRIFFITHS. et. al. 2016; 2018; S. ROSS. et. al. 2016). Diante disso, o Food and Drug Administration (FDA) - agência reguladora ligada ao departamento de saúde do governo norte-americano - recentemente designou o uso clínico da psilocibina como uma "terapia inovadora" para remissão do estado depressivo, atualmente sendo testada em ensaios clínicos de instituições renomadas, como por exemplo a Universidade Johns Hopkins (R. R. GRIFFITHS. et. al. 2016; 2018)

Mas além dos efeitos benéficos é importante saber quais os possíveis efeitos colaterais associados ao uso dessa substância psicoativa. E foi pensando nisso que David Nutt - neuropsicofarmacologista especializado em pesquisas sobre os efeitos de drogas no cérebro - conduziu um estudo que concluiu que os "cogumelos psicodélicos" ocupam a última posição no ranking de periculosidade, que levou em conta todas as drogas de abuso conhecidas na época, sendo então classificados como "a droga mais segura do planeta" (D. NUTT. et. al. 2010).

Portanto, considerando que a psilocibina tem esse enorme potencial terapêutico e que diversas regiões brasileiras possuem condições favoráveis ao desenvolvimento e frutificação natural do cogumelo *Psilocybe cubensis*, é inaceitável que o país persista no atual cenário de atraso científico, que é causado principalmente pelo fato da ANVISA proibir o isolamento da psilocibina e derivados (RDC nº 372, de 15 de abril de 2020 - Número 131 e 132 da lista F2 - substâncias psicotrópicas), dificultando a realização de ensaios clínicos controlados, estudado por (A. HOFMANN. et. al. 1959). Além disso, os ideais da política antidrogas que se disseminaram principalmente após o governo Nixon (EUA 1969-1972) aliados à falta de conhecimento da população acerca dos benefícios das terapias alternativas também são obstáculos que atrasam o debate científico, segundo (J. J. H. RUCKER. et. al. 2018)

Vale ressaltar que não se trata de uma substância nova e desconhecida, visto que existem relatos datados de 1000 anos a.C a respeito do uso medicinal de cogumelos, além de várias pinturas arqueológicas demonstrando o potencial de cura física e

espiritual (A. HOFMANN. et. al. 1959). E tratando de tempos mais atuais, na década de 1950 o Weyburn Mental Hospital aplicou a Psicoterapia Assistida por Psicodélicos (PAP) no tratamento de pacientes etilistas crônicos, segundo (D. NUTT. 2019). Porém, como citado anteriormente, a política antidrogas que ganhou força no governo Nixon enfraqueceu as pesquisas nessa área, que só voltaram a ser interesse dos cientistas no século XXI, com estudos conduzidos pelos principais pioneiros (R. R. GRIFFITHS. et. al. 2008; 2016; 2018; D. NUTT. et. al. 2010; 2019; 2020)

Dito isso, com o objetivo principal de promover a discussão sobre o tema, aplicamos um questionário eletrônico anônimo na população geral (maiores de 18 anos), a fim de avaliar o nível de conhecimento e interesse na área da medicina psicodélica. Também avaliamos o perfil de pessoas que já utilizaram a psilocibina por conta própria, pesquisando qual foi a motivação para o uso, os efeitos obtidos e se consideram que a experiência foi positiva ou negativa.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo quantitativo observacional, utilizando como base metodológica o trabalho de (PEREIRA et al 2018), realizado por meio de questionário de múltipla escolha, distribuído pelo aplicativo Google Forms em meio eletrônico e de forma anônima, os dados pessoais coletados (sexo, idade e grau de escolaridade) são apenas para fins de análise epidemiológica.

Critérios de inclusão: maiores de 18 anos de idade e com acesso a dispositivo eletrônico com internet para preenchimento do questionário.

Critérios de exclusão: menores de 18 anos de idade, não preenchimento ou preenchimento incorreto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), não conclusão do questionário.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi obtido antes de responder o questionário. A amostra total obtida foi de N=203 participantes, sendo que N=74 (36,5%) alegou já ter ingerido a substância psilocibina. Foram analisadas 12 variáveis aplicadas em formato de perguntas e os dados coletados foram tabulados em planilha do Microsoft Excel e analisados estatisticamente. Independentemente dos resultados obtidos na pesquisa, os pesquisadores declaram que os tornarão públicos.

O trabalho foi aprovado pelo comitê de Ética em pesquisa com seres humanos do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz o qual apresentou parecer favorável sob número (5.583.996).

3. Resultados e Discussão

O primeiro passo da pesquisa foi identificar epidemiologicamente os participantes, a partir do sexo, idade e grau de escolaridade. Em seguida, determinamos qual a porcentagem de pessoas que já conhecem alguma substância psicodélica e/ou os estudos que estão sendo realizados e também medimos o interesse dos participantes na área, através de um escore de relevância, dados que estão evidenciados na Tabela 1.

Do total de 203 participantes, 79,3% alegaram conhecer as substâncias psicodélicas, porém apenas 40,4% têm conhecimento a respeito das pesquisas utilizando essas substâncias no tratamento de doenças mentais. Quanto à relevância do tema, considerando uma escala de 1 a 6 (1 = nada relevante e 6 = super relevante), apenas 1 participante considerou nada relevante. Os outros 99,5% de participantes concordaram que é importante realizar mais debates e pesquisas na área, sendo que 67,5% deles considerou o tema como super relevante.

Tabela 1: Descrição de características gerais dos participantes da pesquisa (n=203).

Característica	n	%
Sexo		
<i>Feminino</i>	76	37,4%
<i>Masculino</i>	127	62,6%
Faixa etária		
<i>Entre 18-19 anos</i>	12	5,9%
<i>Entre 20-21 anos</i>	25	12,3%
<i>Entre 22-23 anos</i>	37	18,2%
<i>Entre 24-30 anos</i>	49	24,1%
<i>Entre 31-50 anos</i>	63	31%
<i>> 50 anos</i>	17	8,4%
Escolaridade		
<i>Ensino fundamental incompleto</i>	3	1,5%
<i>Ensino fundamental completo</i>	1	0,5%
<i>Ensino médio incompleto</i>	4	2%
<i>Ensino médio completo</i>	25	12,3%
<i>Ensino superior incompleto</i>	76	37,4%
<i>Ensino superior completo ou pós-graduação</i>	94	46,3%
Conhece as substâncias psicodélicas		
<i>Não</i>	42	20,7%
<i>Sim</i>	161	79,3%
Tem conhecimento sobre as novas pesquisas que estão sendo realizadas com psicodélicos para tratamento de doenças mentais?		
<i>Não</i>	121	59,6%
<i>Sim</i>	82	40,4%
Quão importante você considera o debate e pesquisas na área? (n=200)		
<i>1 – Sem relevância</i>	1	0,5%
<i>2</i>	4	2%
<i>3</i>	10	5%
<i>4</i>	18	9%
<i>5</i>	32	16%
<i>6 – Super relevante</i>	135	67,5%

Fonte: Autores (2022)

Em seguida, avaliou-se qual foi a motivação dos indivíduos que já consumiram psilocibina por conta própria, bem como o resultado obtido (se atingiu o objetivo inicial ou não), se repetiria o uso e como classificaria a experiência em uma escala de 1 a 10 (1 = muito ruim e 10 = muito bom), dados expostos na tabela 2.

Dos 203 participantes, 36,5% (N=74) alegaram já ter feito uso da psilocibina. Quanto à motivação que levou o uso, foram permitidas 2 respostas por participante, e as mais citadas foram curiosidade (64,9%) e lazer (51,4%). Outras motivações foram espiritualidade (35,1%), meditação (23%) e influência de terceiros (18,9%). O menor percentual obtido foi justamente no quesito de tratamento de doenças mentais, com apenas 10,8% dos participantes. Esses resultados demonstram que, mesmo no grupo de indivíduos que já utilizaram a psilocibina, ainda há um certo desconhecimento do potencial terapêutico da substância, visto que tem sido mais utilizada para fins recreativos.

Quanto à avaliação pós-sessão com psilocibina, 76,7% classificou como uma experiência positiva (nota ≥ 8), 9,6% como uma experiência mediana (nota 7) e o restante (13,8%) avaliou com notas ≤ 6 , sendo que nenhum participante considerou a experiência muito ruim (nota 1). Além disso, a maioria dos participantes considerou ter alcançado o que estava buscando com o uso da substância (75,7%) e inclusive repetiria a sessão (89,2%).

Tabela 2: Descrição de características referentes ao uso da psilocibina pelos participantes da pesquisa (n=203).

Pergunta	n	%
Já ingeriu a substância psilocibina?		
<i>Não</i>	129	63,5%
<i>Sim</i>	74	36,5%
O que te motivou a consumir		
<i>Curiosidade</i>	48	64,9%
<i>Espiritualidade</i>	26	35,1%
<i>Lazer</i>	38	51,4%
<i>Tratamento de doenças mentais</i>	8	10,8%
<i>Meditação</i>	17	23%
<i>Influência de outras pessoas</i>	14	18,9%
<i>Outros</i>	3	4,1%
Ajudou no que estava procurando?		
<i>Não</i>	5	6,8%
<i>Sim</i>	56	75,7%
<i>Não informado</i>	13	17,6%
Usaria novamente a substância?		
<i>Não</i>	5	6,8%
<i>Sim</i>	66	89,2%
<i>Não informado</i>	3	4,1%
Como classificaria a sessão com psilocibina (n=73)		
<i>1</i>	0	0%
<i>2</i>	1	1,4%
<i>3</i>	1	1,4%
<i>4</i>	1	1,4%
<i>5</i>	3	4,1%
<i>6</i>	4	5,5%
<i>7</i>	7	9,6%
<i>8</i>	20	27,4%
<i>9</i>	20	27,4%
<i>10</i>	16	21,9%

Fonte: Autores (2022)

Na terceira análise, mapeou-se os principais efeitos percebidos pelos usuários, a fim de pesar se os potenciais benefícios são superiores aos sintomas indesejados, que estão apresentados na tabela 3.

Os sintomas positivos, em ordem decrescente de prevalência foram: sensação de relaxamento, aumento da criatividade, aumento da compaixão, aumento da espiritualidade, diminuição da ansiedade, sensação de euforia e diminuição da tristeza, bem como os citados por (R. L. CARHART-HARRIS. et. al. 2016; 2017; R. R. GRIFFITHS. et. al. 2016; 2018) . Já os sintomas negativos percebidos, também em ordem decrescente, foram: náuseas, aumento na frequência cardíaca, pânico, cefaleia e vômitos, descritos também por (R. L. CARHART-HARRIS. et. al. 2016; 2017; R. R. GRIFFITHS. et. al. 2016; 2018)

Outros sintomas como alteração do apetite (tanto aumento quanto diminuição), alteração na percepção do tempo, alucinações e sinestesia também foram relatados e não foram classificados como positivo ou negativo, visto que depende da experiência particular do usuário. (R. L. CARHART-HARRIS. et al 2016; R. R. GRIFFITHS et. al. 2016; 2018)

Tabela 3: Descrição dos efeitos relatados pelos participantes do estudo após uso da psilocibina (n=74)

Efeitos	n	%
<i>Alteração na percepção do tempo</i>	58	78,4%
<i>Alucinações auditivas</i>	24	32,4%
<i>Alucinações visuais</i>	48	64,9%
<i>Aumento do apetite</i>	9	12,2%
<i>Aumento da criatividade</i>	50	67,6%
<i>Aumento da espiritualidade</i>	40	54,1%
<i>Aumento da compaixão</i>	43	58,1%
<i>Aumento da produtividade</i>	24	32,4%
<i>Diminuição da ansiedade</i>	39	52,7%
<i>Diminuição da tristeza</i>	34	45,9%
<i>Diminuição do apetite</i>	27	36,5%
<i>Euforia</i>	37	50%
<i>Náuseas</i>	15	20,3%
<i>Aumento da frequência cardíaca</i>	11	14,9%
<i>Sinestesia</i>	37	50%
<i>Sensação de relaxamento</i>	60	81,1%
<i>Facilidade para realizar meditação</i>	21	28,4%
<i>Vômitos</i>	3	4,1%
<i>Cefaleia</i>	5	6,8%
<i>Pânico</i>	7	9,5%

Fonte: Autores (2022)

O quarto e último objetivo foi tentar identificar quais fatores podem influenciar na avaliação pós-sessão com psilocibina através de análise inferencial. Para isso, dividimos a população em 2 grupos: os que classificaram a sessão positivamente (notas 8 a 10) e os que classificaram a sessão como ruim ou no máximo mediana (notas 1 a 7) e avaliamos dados epidemiológicos como idade, sexo e grau de escolaridade e também a motivação para o uso e o nível de conhecimento do usuário sobre a substância. Os resultados estão demonstrados na Tabela 4.

Dados epidemiológicos como sexo, idade e grau de escolaridade e motivação não demonstraram ter significância estatística, ou seja, não influenciaram sobre a avaliação final do usuário a respeito da sessão com psilocibina.

E por fim, foi evidenciado que o único dado que impactou - com relevância estatística - no desfecho final (avaliação da sessão) foi conhecer as pesquisas a respeito do uso terapêutico dos psicodélicos, pois a porcentagem de avaliações positivas foi maior no grupo de pacientes que afirmou ter conhecimento sobre o assunto, com $p = 0,03$, a primeira fase do tratamento é levar o conhecimento aos pacientes, citado por (R. R. GRIFFITHS. et al. 2016, 2018)

Tabela 4: Análise inferencial da avaliação na sessão com psilocibina com sexo, faixa etária, escolaridade, conhecimento sobre pesquisas com psicodélicos para tratamento de doenças mentais e motivação para utilização da substância

Característica	Avaliação 8-10 na sessão com psilocibina (%)	Avaliação 1-7 na sessão com psilocibina (%)	Razão de Chances (IC 95%)	Valor p ¹
Sexo				
<i>Feminino</i>	13 (81,2%)	3 (18,8%)	1,41 (0,35 – 5,68)	0,75
<i>Masculino</i>	43 (75,4%)	14 (24,6%)	1	
Faixa etária				
<i>18-30 anos</i>	45 (77,6%)	13 (22,4%)	1,26 (0,34 – 4,62)	0,74
<i>≥31 anos</i>	11 (73,3%)	4 (26,7%)	1	
Escolaridade				
<i>Ensino fundamental e/ou médio</i>	10 (90,9%)	1 (9,1%)	3,48 (0,41 – 29,35)	0,44
<i>Ensino superior ou pós-graduação</i>	46 (74,2%)	16 (25,8%)	1	
Tem conhecimento sobre as novas pesquisas que estão sendo realizadas com psicodélicos para tratamento de doenças mentais?				
<i>Não</i>	11 (57,9%)	8 (42,1%)	1	0,03
<i>Sim</i>	43 (84,3%)	8 (15,7%)	3,91 (1,20 – 12,76)	
Uso influenciado por outras pessoas, por lazer ou outros?				
<i>Não</i>	16 (64%)	9 (36%)	1	0,07
<i>Sim</i>	38 (84,4%)	7 (15,6%)	3,05 (0,97 – 9,62)	

¹ Teste de Fisher. Fonte: Autores (2022)

4. Conclusão

Os dados da pesquisa demonstraram que a maioria dos indivíduos que já fizeram uso de psilocibina consideraram uma experiência positiva e usariam novamente, pois de alguma forma alcançaram o objetivo que estavam buscando, cada um com seu motivo particular. Infelizmente grande parte dos usuários ainda foram motivados por lazer, demonstrando que a substância ainda é enxergada como algo recreativo, apesar de ter um imenso potencial terapêutico.

Identificamos também que o fator que foi determinante para a experiência do usuário ser considerada positiva ou negativa foi ter conhecimento prévio das pesquisas sobre a psilocibina, pois isso deixa o indivíduo preparado para as manifestações causadas pela substância, possibilitando que seja realizado um planejamento prévio a fim de minimizar os possíveis efeitos indesejados. Mas vale ressaltar que a comunidade médica e científica é contra o uso recreativo e/ou sem supervisão de profissional qualificado, e a intenção do trabalho é estimular o debate acerca da Psicoterapia Assistida por Psicodélicos (PAP), que é composta por profissionais experientes e ambiente controlado justamente para minimizar qualquer desfecho negativo.

E por fim, podemos afirmar que a maioria da população avaliada considera super relevante as pesquisas na área da medicina psicodélica. Considerando que o Brasil vive um cenário de atraso científico, é urgente que se estabeleça políticas públicas de incentivo à pesquisa nessa área, para que mais estudos possam ser realizados a fim de validar - ou não - o uso da medicina psicodélica no tratamento de doenças mentais, pois a psilocibina é uma substância de fácil cultivo e baixo custo que - caso se prove realmente eficaz e com baixos efeitos colaterais - poderia ser uma grande aliada no tratamento da depressão e ansiedade, que são um dos maiores problemas de saúde pública atualmente.

Fica a sugestão para trabalhos futuros, realizar um estudo duplo cego randomizado, em pacientes com depressão e ou

ansiedade, resistente a tratamento com antidepressivos convencionais. Assim podendo analisar e comparar os resultados antidepressivos e ansiolíticos da psilocibina através de escalas usadas pela Sociedade Brasileira de Psiquiatria para quantificar o estado depressivo.

Referências

- PEREIRA, A. A. et. al. (2018). *Free e-book: Metodologia da pesquisa científica*. Santa Maria/RS. Ed. UAB/NTE/UFSM. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/15824>.
- A. HOFMANN, et al. (1959). *Helvetica Chimica Acta*: Troxler Psilocybin und Psilocin, zwei psychotrope Wirkstoffe aus mexikanischen Rauschpilzen. V. 42, I.5 P. 1557-1572. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/hlca.19590420518>.
- BRADLEY N. GAYNES, et al. (2009). *Psychiatric Services: What Did STAR*D Teach Us? Results From a Large-Scale, Practical, Clinical Trial for Patients With Depression*. v. 60, n. 11, p.1439–1445. Disponível em: <http://psychiatryonline.org/doi/abs/10.1176/ps.2009.60.11.1439>.
- CHARLES B. NEMEROFF. (2007). *The Journal of clinical psychiatry*: Prevalence and management of treatment-resistant depression. v. 68 n. 8, p. 17–25. Disponível em: <https://www.psychiatrist.com/jcp/depression/prevalence-management-treatment-resistant-depression/>.
- DAVID NUTT, et. al. (2020). *Cell: Psychedelic Psychiatry's Brave New World*. v. 181, n. 1, p. 24–28. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0092867420302828>.
- DAVID NUTT. (2019). *Dialogues in Clinical Neuroscience: Psychedelic drug - a new era in psychiatry?* v. 21, n. 2, p. 139–147. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6787540/>.
- DAVID NUTT, et. al. (2010). *The Lancet*: Drug harms in the UK: a multicriteria decision analysis. v. 376, n. 9752, p. 1558–1565. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0140673610614626>.
- JAMES J. H. RUCKERT, et. al. (2018). *Neuropharmacology: Psychiatry e amp the psychedelic drugs. Past, present & future*. v. 142, p. 200–218. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S002839081730638X>.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). (2021). Depression fact sheet. Disponível em: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/depression>.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). (2021). Depressão. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>.
- ROBIN L. CARHART-HARRIS, et. al. (2021). *N Engl J Med*: Trial of Psilocybin versus Escitalopram for Depression. 384:1402-1411. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMoa2032994>.
- ROBIN L. CARHART-HARRIS, et al. (2018). *Psychopharmacology*: Psilocybin with psychological support for treatment-resistant depression: six-month follow-up. v. 235, n. 2, p. 399–408. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00213-017-4771-x>
- ROBIN L. CARHART-HARRIS, et al. (2016). *The Lancet Psychiatry*: Psilocybin with psychological support for treatment-resistant depression: an open-label feasibility study. v. 3, n. 7, p. 619–627. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2215036616300657>.
- ROBIN L. CARHART-HARRIS, et al. (2017). *Scientific Reports*: Psilocybin for treatment-resistant depression: fMRI-measured brain mechanisms. v. 7, n. 1, p. 13-87. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/s41598-017-13282-7>.
- ROLAND R. GRIFFITHS, et al. (2018). *Journal of Psychopharmacology*: Psilocybin-occasioned mystical-type experience in combination with meditation and other spiritual practices produces enduring positive changes in psychological functioning and in trait measures of prosocial attitudes and behaviors. v. 32, n. 1, p. 49–69. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0269881117731279>.
- ROLAND R. GRIFFITHS, et al. (2016). *Journal of Psychopharmacology*: Psilocybin produces substantial and sustained decreases in depression and anxiety in patients with life-threatening cancer: A randomized double-blind trial. v.30, n.12, p.1181–1197. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0269881116675513>.
- ROLAND R. GRIFFITHS, et al. (2008). *Journal of Psychopharmacology*: Mystical-type experiences occasioned by psilocybin mediate the attribution of personal meaning and spiritual significance 14 months later. v. 22, n. 6, p. 621–632. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0269881108094300>.
- STEPHEN ROSS, et al. (2016). *Journal of Psychopharmacology*: Rapid and sustained symptom reduction following psilocybin treatment for anxiety and depression in patients with life-threatening cancer: a randomized controlled trial. v. 30, n. 12, p. 1165–1180. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0269881116675512>.